

Latim ativo: falando, escrevendo, ouvindo a língua *

Milena Minkova e Terence Tunberg
Universidade do Kentucky

Leni Ribeiro Leite **, Ariane Ribeiro Santana ***

Os professores Milena Minkova e Terence Tunberg, autores do artigo cuja tradução apresentamos a seguir, são pesquisadores líderes no campo do Latim Ativo, reconhecidos mundialmente por seus esforços e pioneirismo em tornar as práticas ativas parte do currículo do ensino de Latim. Neste artigo, originalmente publicado em 2012, os autores apresentam brevemente sua compreensão da razão do uso do Latim não apenas escrito e lido, mas também ouvido e falado, na prática pedagógica desta língua clássica. Eles acrescentam ainda algumas informações sobre as atividades que implementaram e lideram nesta área na Universidade do Kentucky. Ambos os professores têm ainda outras publicações, sob a forma de artigos e livros, conjuntas e em separado, sobre este tema e temas afins ao ensino de língua Latina.

O uso do latim, especialmente em discurso falado e conversacional, tem experimentado demasiado crescimento em popularidade entre professores e estudantes de latim nas últimas duas décadas. Quais são as raízes do fenômeno e como ele se encaixa na história do ensino de latim? Depois de apresentar um breve exame do uso ativo do latim desde a queda do Império Romano do Ocidente, nós esperamos definir abordagens viáveis para o latim ativo, dadas as presentes condições nas quais o latim é ensinado, estudado, apropriado e apreciado.¹

Quando as pessoas aprendiam latim em qualquer período desde o colapso do Império Romano do Ocidente até o século XVIII, a fala extemporânea em latim e a composição escrita em latim eram parte do processo. Portanto, pessoas que querem adicionar uma abordagem ativa no ensino, aprendizado e apreciação do latim nos dias de hoje não são totalmente inovadoras, mas estão voltando a algo tradicional, pois a abordagem primariamente passiva para aprender e usar latim que é vista hoje como a abordagem reconhecida não é na verdade muito antiga. Na Idade Média e na Renascença, o elemento ativo era central para o processo de aprendizado e ensino.²

* Originalmente publicado em *New England Classical Journal* 39.2 (2012) 113-28. [NT]

** Graduada em Letras (Português-Latim) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1999), Mestre (2003) e Doutora em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Professora de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal do Espírito Santo.

*** Graduanda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo.

¹ Agradecemos a Cristopher Francese pelas sugestões úteis para este artigo.

² Aqui estão trabalhos selecionados, fundamentais sobre a forma como o latim era aprendido e utilizado nas escolas da Europa durante o fim da Idade Média e a Renascença: Annemarieke Willemsen, *Back to the Schoolyard. The Daily Practice of Medieval and Renaissance Education* (Turnhout, 2008), especialmente pp. 40-42; David L. Sheffler, *Schools and Schooling in Late Medieval Germany: Regensburg, 1250-1500*, *Education and Society in the Middle Ages and Renaissance*, 33 (Leiden, 2008), especialmente p. 2, 100-101; Robert Black, *Education and Society in Florentine Tuscany* (Leiden, 2007);

Após o século VI d.C, o latim (do tipo que é representado nos textos) não era mais a língua nativa de ninguém. É verdade que podemos argumentar que uma diferença considerável entre o latim literário e o latim falado já é visível em partes do *Satíricon*, de Petronio (metade do século I d.C), em que o discurso de Trimalquião é representado. Essa diferença cresceu cada vez mais durante os últimos séculos do Império Romano do Ocidente. Depois da última parte do século V, não existia mais um Império Romano do Ocidente, mas o latim continuava sendo a língua dos governos (mesmo em reinos germânicos) e, é claro, da igreja romana. Talvez o passo decisivo para estabelecer o “latim medieval” (como é chamado) aconteceu nos tempos de Carlos Magno, quando o uso da língua para a elite letrada, isto é, o latim, foi até certo ponto uniformizado durante o amplo império de Carlos Magno.³

Durante o resto da Idade Média, o latim continuou a ser a língua do clero e das classes instruídas. Os linguistas podem chamá-lo de língua morta, pois não era a língua materna de ninguém, mas era a língua de trabalho e ativa das artes e das ciências. Jovens membros da elite aprendiam latim desde a tenra idade não somente para ser capaz de ler e entender fontes escritas das disciplinas acadêmicas, as quais eram praticamente todas em latim, mas também para adquirir a habilidade prática de usar o latim eles mesmos como meio de comunicação. O ensino de iniciantes (e estudos recentes foram úteis em enfatizar isso) não começava com uma imersão imediata. As línguas vernáculas eram amplamente usadas para explicar tudo a crianças pequenas sendo introduzidas aos fundamentos. Quanto mais as crianças de seis a dezesseis anos avançavam, mais o latim deveria ser utilizado como a língua da fala. Em todas as primeiras universidades, o latim era a língua em que as artes e as ciências eram ensinadas. O mundo instruído aprendeu a se comunicar em latim – uma das maiores diferenças entre as razões pelas quais o latim era aprendido então e pelas quais é aprendido atualmente.

No Renascimento, o latim ainda era a língua internacional das classes cultas, mas um elemento havia mudado. O latim da lógica escolástica e da filosofia, típico da academia do fim da era medieval, havia se tornado um código especializado para os eruditos, e se tornara cada vez mais diferente em termos de sintaxe, semântica, convenções e vocabulário em relação às normas do latim clássico e patrístico. Os humanistas da Renascença se esforçaram para reviver os cânones clássicos em todas as artes, mas mais especialmente em latim. O âmago da revolução humanista era a tentativa de purificar o latim do mundo erudito trazendo os padrões de expressão de volta às normas clássicas. Essa tentativa foi impressionantemente bem-sucedida.⁴ O

Nicholas Orme, *Medieval Schools from Roman Britain to Renaissance England* (New Haven, 2006), especialmente p. 148-49; Paul Grendler, *Schooling in Renaissance Italy. Literacy and Learning 1300–1600* (Baltimore e Londres, 1989); Tony Hunt, *Teaching and Learning Latin in Thirteenth-century England*, 3 vols. (Cambridge, 1991); René Hoven, “Programmes d’écoles latines dans les Pays-Bas et la Principauté de Liège au XVIe siècle,” *Acta conventus neo-latini Amstelodamensis. Proceedings of the Second International Congress of Neo-Latin Studies, Amsterdam 19-24 August 1973*, edd. P. Tuynman, G. C. Kuiper, E. Kessler (München, 1979), p. 546-59; Foster Watson, *The English Grammar Schools to 1660, Their Curriculum and Practice* (Cambridge, 1908), especialmente p. 186, 310-12, 316-18, 346. Em universidades, ver Paul Grendler, *The Universities of the Italian Renaissance* (Baltimore, 2002), especialmente p. 151-57, e Hastings Rashdall, *The Universities of Europe in the Middle Ages*, edd. F. M. Powicke et A. B. Emden, 3 vols. (Oxford, 1987), especialmente vol. III, p. 341-45.

³ Dois trabalhos fundamentais sobre o assunto são os de Rosamond McKitterick, *The Frankish Kingdom under the Carolingians, 751-978* (Londres e Nova Iorque, 1983); e de François Louis Ganshof, *The Carolingians and the Frankish Monarchy. Studies in Carolingian History*, trad. J. Sondheimer (Ítaca, Nova Iorque, 1971).

⁴ Toda a extensão do impacto da “classicização” do latim típico da Renascença é admiravelmente explicada por Jozef Ijsewijn, *Companion to Neo-Latin Studies, Part I: History and Diffusion of Neo-Latin*

latim escolástico do final da era medieval sobreviveu em alguns campos restritos como no direito canônico, mas a grande maioria do latim erudito produzido pelos bem-educados a partir da Renascença é, de certa forma, latim Neoclássico, especialmente se nós permitimos neologismos no vocabulário e entendemos “clássico” no seu sentido mais amplo para incluir toda a prosa sobrevivente produzida entre o período de César e Suetônio (que inclui uma vasta gama de usos). Não é exagero dizer que, provavelmente por conta dessa revolução, as regras presentes em livros didáticos modernos de escrita em latim apresentam o uso de Cícero e César como a norma, ao invés do uso de Agostinho ou de Leão I. Um subproduto dessa revolução foi um esforço intenso para reformar o uso do latim falado seguindo as mesmas normas. O Renascimento (e só o século XVI) viu a publicação de milhares de pequenos diálogos escritos por dezenas de autores, incluindo os mais ilustres humanistas como Vives, Erasmo, Sturm, Pontano, desenhados como modelos para o latim falado dos alunos. Esses diálogos, conhecidos como *colloquia familiaria*, possuem tipicamente temas familiares ao século XVI, mas desconhecidos para os romanos antigos, temas que são discutidos em um latim congruente com as normas gramaticais e sintáticas típicas de escritores latinos de prosa que viveram entre Cícero e Quintiliano.⁵ O Renascimento viu então um retorno massivo aos padrões clássicos do próprio latim, mas os objetivos do aprendizado de latim permaneceram os mesmos desde o início da Idade Média.

O fim do século XVII e o século XVIII, no entanto, viram uma mudança radical desse paradigma. No século XVII os livros didáticos para o ensino de latim começaram a ser publicados nas línguas vernáculas – e em números consideráveis. Tais livros em séculos anteriores quase sempre eram escritos em latim desde o início.⁶ A partir de 1680 e 1690, o uso do latim como a língua de instrução, até mesmo nas grandes universidades tradicionais, começou a ser substituído pelas línguas vernáculas de cada região. Isso significou que as línguas vernáculas rapidamente adquiriram vocabulário para a expressão de conceitos previamente restritos ao discurso daqueles que usavam o latim. Publicações acadêmicas e eruditas em vários vernáculos – apesar de não serem completamente desconhecidas em datas anteriores – desabrocharam a partir de 1650 (no entanto, em algumas áreas como matemática, medicina e estudos clássicos, o latim persistiu por muito tempo).

Delinear detalhadamente todas as causas por trás dessa mudança nos levaria além dos limites do nosso tema. Elas já foram bem descritas pelos historiadores da cultura e, mais recentemente, por estudiosos do neolatim. Elas incluem a expansão, depois do final do século XVII, de uma classe burguesa que cada vez mais era ensinada a nível básico através da língua vernácula, cujos membros cada vez mais exigiam educação na língua materna, e do nacionalismo, isto é, um ambiente em que os

Literature, Second entirely rewritten edition, Supplementa Humanistica Lovaniensia, 5 (LEUVEN, 1990, p. 27-53).

⁵ O fenômeno do latim como uma língua falada e veículo para comunicação extemporânea no Renascimento e no início da era moderna é explorado e analisado em detalhes em *De rationibus quibus homines docti artem Latine colloquendi et ex tempore dicendi saeculis XVI et XVII coluerunt*, um livro por Terence Tunberg no prelo, pela imprensa da Universidade de Leuven na série *Supplementa Humanistica Lovaniensia*. Alguns dos mesmos tópicos são discutidos de forma mais resumida por Terence Tunberg em “The Use of Latin as a Spoken Language in the Humanist Age,” *The Journal of Classics Teaching*, 22 (2011), pp. 8-9.

⁶ Um dos melhores exemplos dessa tendência é o *Nouvelle Methode pour apprendre facilement, & en peu de temps la langue Latine, contenant les Rudiments et les Regles des Genres, des Declinaisons, des Preterits, de la Syntaxe & de la Quantité. Mises en françois, avec un ordre tres-clair & tres-abregé. Dediée au roy* (Paris, Antoine Vitré, 1644). “*Nouvelle Methode*,” as primeiras palavras do título desse trabalho, que foi reimpresso várias vezes durante o século XVII, aponta para o fato de que o livro apresenta a gramática do latim não somente de forma concisa, mas também inteiramente em francês.

monarcas crescentemente passaram a se identificar com a cultura vernácula de suas regiões e patrocinar autores em línguas vernáculas e favorecer o uso da língua nacional nas principais universidades de seus reinos. Mais tarde o secularismo da Revolução Francesa adicionou ímpeto a essas mudanças que já estavam acontecendo muito antes.⁷ Finalmente, apesar dos líderes da reforma protestante no século XVI apoiarem e propagarem a educação em latim (e grego), pode-se suspeitar que a dissolução do latim como língua universal da igreja teve um papel no desgaste do latim como a língua universal dos eruditos do oeste. No século XIX, o acesso a educação e letramento aumentou consideravelmente. Enquanto o prestígio cultural das línguas clássicas permaneceu forte, os resquícios da educação humanística da Renascença foram reduzidos a um papel ainda mais restrito na experiência educacional da classe média e burguesa. Novas disciplinas, especialmente o estudo das ciências naturais, das literaturas vernáculas e até mesmo das profissões se tornou muito mais importante na formação dos jovens. Naturalmente, esse foi o período no qual aconteceu uma mudança decisiva em direção a um latim destinado quase exclusivamente à leitura e apenas ao entendimento dos textos clássicos, e longe do uso do latim como um meio primário de comunicação. As composições ocasionais em prosa e verso em latim eram essencialmente uma questão de ostentação e exercício e não afetam o quadro geral.

Os métodos para ensinar aos estudantes as estruturas fundamentais do latim com objetivo de adquirir conhecimento de leitura básico foram bastante ampliados na metade do século XIX através do desenvolvimento considerável da gramática analítica – especialmente na Alemanha. Talvez, um pilar desse desenvolvimento foi a publicação da gramática do latim de Kühner, que ainda é impressa de forma revisada e expandida,⁸ e foi o modelo para uma pletera de gramáticas derivadas publicadas em diversas línguas no final do século XIX e no século XX. Há muito a se falar sobre a utilidade de tais obras gramaticais, especialmente no ambiente do século XIX em que o tempo dedicado ao latim no currículo típico era bem mais limitado do que havia sido no Renascimento, e em nosso ambiente atual em que o tempo dedicado ao latim é ainda menor do que era no final do século XIX.

Durante o século XX, muita atenção foi dada pelos professores de latim a meios mais eficientes para ajudar os estudantes a desenvolver a habilidade de ler textos clássicos não modificados em um currículo relativamente breve (comparado a tempos anteriores) e numa cultura acadêmica em que a necessidade de aprender os fundamentos de várias outras disciplinas estava disputando o tempo dos estudantes. Os métodos desenvolvidos ao final do século XX podem ser divididos em dois tipos (de forma geral). Um é o método analítico que enfatizava primeiro a aprendizagem mecânica da gramática e a morfologia apropriada para cada fase, em seguida vinha a leitura, a tradução e análise constante de passagens com as quais os princípios previamente aprendidos eram exemplificados. O outro tipo era a chamado o método “de leitura” ou indutivo que apresentava extensas leituras de passagens em graus progressivos de complexidade. Para cada estágio de ensino, um pequeno número de novas características aparecia em cada passagem sem muita explicação, mas com a expectativa de que o estudante, através da leitura prolongada, se acostumaría com cada novo elemento no contexto. Explicações ou paradigmas a serem aprendidos viriam depois (se necessários), e em formato minimalista. Tanto o método analítico como o método de

⁷ Para um resumo conciso, mas profundo, dos fatores sociais por trás dessa retirada gradual do uso universal do latim como a língua do mundo erudito, nós recomendamos a discussão de IJsewijn, *Companion to Neo-Latin Studies, Part I* (ver nota 4), pp. 41-49.

⁸ Ver Raphael Kühner e Carl Stegmann, *Ausführliche Grammatik der lateinischen Sprache*, 2 vols. (HANNOVER, 1976).

leitura, no entanto, e na realidade a grande parte da pedagogia das línguas clássicas, como desenvolvidas ao final do século XX, focavam quase que exclusivamente em desenvolver a habilidade de leitura de textos gregos e latinos. A criação de narrativas próprias pelos alunos ou a expressão de seus próprios pensamentos nas línguas estudadas eram totalmente eliminadas ou amplamente reduzidas e não enfatizadas. A redação em latim, se ensinada, era adiada para os estágios mais avançados e quase invariavelmente aparecia como tradução de passagens pré-determinadas escritas na língua vernácula para o latim.

No entanto, o uso do latim como uma língua ativa e comunicativa não havia desaparecido por completo. O latim continuava sendo mantido pela Igreja Católica. Deixando de lado o uso longo e contínuo de latim na liturgia e adoração, um assunto que poderia nos levar além dos limites do nosso tema, o latim, até o Segundo Concílio Vaticano em 1962, foi regularmente empregado nos seminários de formação de padres na Igreja Católica e em algumas instituições católicas de ensino superior, que focavam em teologia. O latim, além disso, era (e ainda é) a língua do Direito Canônico. O latim usado para a teologia, e especialmente para o Direito Canônico se tornou um meio muito especializado, abundante em neologismos, muitos dos quais vistos por classicistas como cunhagens desnecessárias. Ele na verdade lembrava o latim escolástico do fim do medievo, do qual de certo modo era uma continuação.⁹ Os secretários, no entanto, que produziam cartas e documentos papais, usavam uma linguagem muito mais clássica e até ciceroniana.¹⁰ No entanto, com a exceção da produção de documentos papais em latim e publicações no campo do Direito Canônico, o uso do latim nesses círculos foi quase totalmente eliminado depois do Segundo Concílio Vaticano. Daí em diante, o treinamento do clero e o ensino em faculdades teológicas aconteceria nas línguas vernáculas.

Antes do Segundo Concílio Vaticano, aconteceu um evento que ajudou a estimular e promover o uso ativo do latim fora dos limites da igreja romana. Nós nos referimos ao *Premier congrès international pour le latin vivant*, que aconteceu em Avignon, na França, em 1956, aparentemente inspirado nas ideias de Jean Capelle, professor da Universidade de Nancy na França, que defendia o uso do latim como a língua multinacional da cultura europeia.¹¹ Os participantes vieram para a conferência de muitos países diferentes, e havia professores, instrutores, amantes do latim e um bom número de padres católicos. As atas do congresso incluíam propostas para reviver o uso do latim como uma língua ativa na academia e no ensino. Havia também uma proposta para produzir um léxico internacional de novas palavras em latim para novas coisas.¹² Apesar da maioria das resoluções do congresso não terem gerado ações concretas, as pessoas que participaram foram cativadas pela ideia de injetar novo ímpeto ao uso do latim como língua ativa. Ademais, a experiência em Avignon inspirou diversos latinistas durante os anos seguintes (por exemplo nas décadas de 60 e 70) a começar seminários de imersão em latim na Alemanha, Suíça e França, nos quais os participantes poderiam viver em um ambiente em latim durante aproximadamente uma semana.

⁹ Ver Constant Van De Wiel, *History of Canon Law*, Louvain Theological & Pastoral Monographs, 5 (LOUVAIN, 1991).

¹⁰ Sobre o uso do latim na cúria papal e no Direito Canônico, ver a discussão de Jozef IJsewijn e Dirk Sacré em *Companion to Neo-Latin Studies, II: Literary, Linguistic, Philological and Editorial Questions*. 2nd rev. ed., *Supplementa Humanistica Lovaniensia*, 14 (LEUVEN, 1998), p. 282-97.

¹¹ Ver Jean Capelle e Thomas H. Quigley, "Latin or Babel," *The Classical Journal*, 49,1 (1953), p. 37-40.

¹² *Premier congrès international pour le latin vivant*. Avignon, 3-6 setembro 1956 (*actes*), ed. Édouard Aubanel (AVIGNON, 1956). Para algumas reflexões sobre a conferência, escritas por um participante, ver Goodwin B. Beach, "The Congress for Living Latin: Another View," *The Classical Journal*, 53.3 (1957), p. 119-22.

Seminários de imersão para latinistas, que seguem mais ou menos o mesmo modelo, continuam a acontecer todo verão em vários lugares na Europa até hoje.

Esses seminários de imersão em latim falado tiveram importante antecedente nos esforços de William Henry Denham Rouse, um professor inglês de Clássicas, e um dos editores fundadores da Loeb Classical Library. Rouse era uma figura rara nos Estudos Clássicos no final do século XIX e início do século XX, e mais especialmente no mundo de língua inglesa, pois defendia e praticava imersões de Latim e Grego como parte do seu ensino de línguas clássicas, e foi autor ou coautor de vários livros sobre o assunto. Rouse conduziu seminários de verão em latim falado para professores durante vários anos na Inglaterra, e uma ou duas vezes na América. Tais seminários juntavam um número considerável de participantes. Mas os esforços de Rouse foram interrompidos com o começo da Primeira Guerra Mundial, e os seminários nunca foram retomados após a guerra.¹³ Então, enquanto as ideias de Rouse continuam vivas hoje em dia entre os proponentes do latim ativo, os seminários nos quais a língua é praticada atualmente possuem muito mais descendência direta da conferência de Avignon em 1956.¹⁴

Duas outras organizações fundadas após o Segundo Concílio Vaticano adicionaram lenha à fogueira. A *Opus fundatum Latinitatis* foi fundada dentro da igreja católica romana, e seu objetivo era manter um corpo de usuários de latim dentro da igreja, apesar do uso obrigatório de latim ter sido removido de outras organizações eclesiais. Essa instituição ainda existe nos dias de hoje, e publica o jornal *Latinitas*, organiza o *Certamen Vaticanum*, uma competição de escrita em latim, e patrocinou a publicação de uma série de livros em latim, dentre eles o *Lexicon recentis Latinitatis*.¹⁵ A outra organização é a *Academia Latinitati Fovendae*, fundada fora da igreja em 1967, uma academia internacional de professores dedicada a manter o uso ativo de latim especialmente mas não exclusivamente na escrita acadêmica. Ainda é sediada em Roma. Novos membros são adicionados apenas por nomeação e convite do conselho executivo. Patrocina publicações de modo esporádico e, quando os fundos permitem, um congresso internacional que acontece em intervalos de três ou quatro anos no qual todas as contribuições são em latim e são geralmente publicadas. A última conferência aconteceu em Regensburg em 2009 e a próxima será em Viena em 2013.

Um verdadeiro catalisador do desenvolvimento do movimento “latim vivo”, como foi chamado (talvez um empréstimo do título da conferência em Avignon) foi a figura carismática do padre Reginald Foster, um monge carmelita e secretário papal. Em seus divertidos e vívidos seminários de verão realizados ao ar livre em Roma apresentou a multidões de professores, estudantes e mesmo acadêmicos o latim vivo. Esses seminários, que nunca envolviam imersão total, mas eram conduzidos em inglês com intervalos em latim, começaram em 1980 e atraíram pessoas de toda a Europa, das

¹³ Christopher Stray, “Success and Failure: W. H. D. Rouse and direct-method Classics Teaching in Edwardian England,” *The Journal of Classics Teaching*, 22 (2011), pp. 5-7

¹⁴ Deve-se observar, entretanto, que os interesses de Rouse estavam diretamente focados na pedagogia e direcionados a promover o ensino/aprendizado básico de línguas, enquanto os líderes europeus do movimento “latim vivo” que foram muito ativos de 1960 a 1990, especialmente Clemens Desessard, Geneviève Immé e Padre Caelestis Eichenseer, parecem ter estado mais interessados em propagar o uso do latim moderno do que na pedagogia em si, apesar de não faltar um lado pedagógico a seus esforços. Padre Eichenseer morreu em 2008, mas seus seguidores ainda mantêm seminários organizados dentro das regras que ele criou e publicam materiais desenvolvidos por ele e sua associada Sigrid Albert, especialmente o jornal em latim *Vox Latina*. Ver o site: <http://www.voxlatina.uni-saarland.de/>. Todos os sites citados nesse artigo foram visitados entre 20 de dezembro de 2011 e 10 de fevereiro de 2012.

¹⁵ *Lexicon recentis latinitatis* editum cura Operis fundati cui nomen *Latinitas*, Volumen I et II (in urbe Vaticana, 2003).

Américas, Austrália, Nova Zelândia, Ásia e até mesmo da África. Cerca de um ano atrás, o padre Foster se aposentou de seu posto em Roma para retornar a Milwaukee nos Estados Unidos, onde ainda leciona.¹⁶ Vários de seus estudantes se dedicaram a continuar sua tradição de conduzir cursos de verão, nos quais o uso falado e escrito do latim desempenha um importante papel, na própria cidade de Roma.¹⁷

O movimento latim vivo foi transmitido para a América do Norte na metade da década de 90, com a fundação do *Conventiculum Latinum Lexintoniense*, que foi o primeiro desses eventos seculares a acontecer na América do Norte desde os seminários de Rouse em Nova Iorque em 1911 ou 1912.¹⁸ As participações nos seminários de Lexington duplicaram e triplicaram nos três primeiros anos. Desde a virada do milênio, a participação tem sido regularmente de 60 ou mais pessoas, e nos últimos três ou quatro anos se manteve entre 70 e 80. Vários participantes dos primeiros seminários de Lexington, e esses incluem alguns alunos de Reginald Foster, fundaram seus próprios seminários de verão de latim falado. Os autores deste artigo também têm moderado outro seminário parecido na Dickinson College, na Pensilvânia, nos últimos anos, além do evento em Lexington.¹⁹ Então, atualmente na América do Norte, quatro ou cinco seminários de imersão de uma semana acontecem todo verão.²⁰ A expansão do movimento do latim falado aconteceu além dos seminários de verão. “Latim oral”, como é constantemente chamado, é um tópico frequente em listas de mensagens de professores de latim. Sessões especiais e mini workshops em conferências de professores e acadêmicos frequentemente cobrem esse assunto, incluindo o anual ACL Institute e o encontro anual da APA. Os “Standards for Classical Language Learning” desenvolvido por um comitê conjunto patrocinado pela APA e pela ACL, completado em 1997, pode ser visto como um padrão nacional para a comunidade de estudos clássicos estadunidense sobre o ensino de latim e grego. Aparentes nestes padrões estabelecidos são os efeitos do interesse no latim ativo que se manifestou na América do Norte a partir do final da década de 90. O documento inequivocamente recomenda que os estudantes de línguas clássicas aprendam a “falar, ouvir e escrever em latim ou grego como parte do seu processo de aprendizagem.”²¹

Em 2001, após o sucesso dos *conventicula* de verão em Lexington, os autores desse artigo fundaram o Instituto de Estudos Latinos na Universidade do Kentucky como uma certificação de currículo especial dentro de um Programa de Mestrado já existente. O currículo consiste em três cursos de graduação inteiramente em latim, em

¹⁶ Para os cursos de latim de Padre Foster, ver o seguinte site: <http://www.frcoulter.com/latin/index.html>

¹⁷ Ver o site para o Instituto Paideia: <http://paideia-institute.org/living-latin-in-rome>

¹⁸ O *conventiculum Lexintoniense* foi fundado por Terence Tunberg, coautor desse artigo, cuja experiência com o latim ativo começou enquanto era um estudante de pós-graduação. Ele participou de seminários europeus e conferências em latim falado por um longo tempo antes de pensar em começar algo similar na América do Norte.

¹⁹ A Dickinson College tem um histórico de patrocinar eventos para o aperfeiçoamento dos professores de latim e possui uma equipe de Estudos Clássicos composta de estudiosos ao mesmo de tempo ativos e muito comprometidos com a educação básica. O *conventiculum* de Dickinson tem tido alto número de inscrições desde sua criação. Para o programa de eventos de verão para professores, ver: <http://www.dickinson.edu/academics/programs/classical-studies/content/Teacher-Workshops/>

²⁰ Além do *Conventiculum Dickinsoniense* na Pensilvânia e do *Conventiculum Lexintoniense* no Kentucky, os seguintes seminários de imersão em latim também são conhecidos pelos autores e estão marcados para 2012 na América do Norte: *Septimana Californiana* (<http://www.latin.org/programs/septimana>) na Universidade de Loyola Marymount; *Conventiculum Bostoniense* (<http://www.conventiculum.org/>) na Universidade de Massachusetts Boston; *Rusticatio Virginiana* (<http://www.latin.org/>) na Virgínia Ocidental.

²¹ Para o documento na íntegra, ver o seguinte site: <http://department.monm.edu/classics/cpl/standards.pdf>

que todo ensino, discussão e atividades são feitos completamente em latim. Os cursos também lidam com todos os períodos do latim, desde a antiguidade até a modernidade. Os alunos inscritos no currículo não somente completam esses cursos em latim, mas também participam de eventos inteiramente em latim como workshops semanais, almoços e jantares. Aqueles que terminam o currículo do Instituto recebem um certificado oficial junto com o título de Mestre.²² Desde a sua fundação, o Instituto vem atraindo muitos inscritos todo ano, incluindo pessoas com diplomas de universidades de grande prestígio da América do Norte. Os inscritos também provêm da Europa, América do Sul e Austrália.²³ Até os dias de hoje, este permanece sendo um currículo de pós-graduação singular em Estudos Clássicos na América do Norte. Mas diversos professores de universidades e escolas de ensino médio norte-americanas estão começando a introduzir o latim ativamente para seus alunos. Essa tendência mostra sinais de que vai se manter.

Um número de ideias e abordagens foram desenvolvidas por adeptos do latim falado, sobre as quais desejamos apresentar nossas perspectivas. A expressão “latim oral” é frequentemente usada pelos professores de maneira bastante imprecisa. Ela é por vezes utilizada para se referir à prática de recitar textos antigos de acordo com todas as nuances que, segundo alguns filólogos, são características de uma pronúncia totalmente restaurada, ou seja, a pronúncia que pode ter sido ouvida no fórum romano no século I a.C. Esse tipo de recitação é, na verdade, uma proposta muito diferente do uso do latim como um meio funcional para uma conversa real e uma comunicação extemporânea. Os dois esforços devem ser diferenciados. É claro, a maioria dos falantes de latim que conhecemos se preocupam com pronúncia, mas esse cuidado é primariamente direcionado a ter em conta sílabas longas e breves, e empregar a tonicidade no lugar correto de cada palavra. A maioria dos falantes do latim hoje em dia parece ser a favor da chamada pronúncia “restaurada” (com níveis diferentes de atenção a detalhes) ou a pronúncia italiana eclesiástica. As convenções sobre onde se localiza a tonicidade e quais sílabas são longas e breves se aplicam às duas pronúncias,²⁴ e as diferenças são em sua maioria apenas uma questão de consoantes e ditongos. No mais, uma pessoa em um grupo no qual algumas pessoas utilizam um sistema e outras utilizam o outro vai normalmente perceber que as dificuldades no entendimento mútuo são mínimas. Em nossa experiência, quase todos se acostumam com as diferenças em questão de horas, e tal variedade atesta que o latim é uma língua real.

Ademais, esse interesse no uso do latim que surgiu tão recentemente dentre os professores é, pelo menos na América do Norte, direcionado majoritariamente para a fala e a conversação em latim. Nesse caso o termo “latim oral” pode ser mais preciso. Nós, no entanto, junto com alguns de nossos alunos e colegas, preferimos o termo “latim ativo” para indicar o que fazemos, pois nós estamos igualmente interessados na composição escrita original em latim assim como na oralidade em latim. Escrever em latim talvez ainda sofra um estigma de escrita de prosa tediosa em latim no subconsciente de diversos professores. Para nós, no entanto, falar e escrever são atividades complementares. Ambas são ativas. Cada uma tem seus próprios benefícios. O estudante e amante do latim se beneficia, ao nosso ver, ao praticar ambas as

²² Para o Instituto e seu currículo, ver o site com os links: <http://mcl.as.uky.edu/latin-institute>

²³ Mais informações sobre os estudantes que completaram o currículo do Instituto estão neste site: <http://mcl.as.uky.edu/latin-institute-student-success-stories>

²⁴ A não ser que aquele que pronuncia esteja tentando observar as convenções de canto ou outra convenção rítmica ou musical.

atividades.²⁵ Em resumo, queremos evitar perder qualquer aspecto da experiência em latim. Ler, falar, escutar e escrever são para nós essenciais e inseparáveis.

Uma suposição muito prevalente entre os professores interessados no latim oral ou ativo parece ser que a utilidade desse tipo de abordagem do latim é quase inteiramente pedagógica, e que tal utilidade é especialmente focada nos estágios iniciais do ensino de latim, e especialmente com alunos mais jovens.²⁶ Tais professores frequentemente acreditam que usar o latim de forma comunicativa com os estudantes desde o início permite-lhes tirar totalmente ou pelo menos em grande parte a ênfase da gramática descritiva formal. Eles argumentam que o latim pode ser ensinado efetivamente através da imersão natural, com pouca explicação ou descrição de fenômenos linguísticos. O processo de aprendizagem do latim, de acordo com essa visão, deve ser muito próximo da maneira como uma criança aprende sua língua nativa, ou ao menos da forma como uma pessoa pode absorver muito do uso cotidiano de outra língua simplesmente por viver em um país estrangeiro por alguns anos. Eles argumentam ainda que tratar o latim como um meio conversacional desde o início com os alunos permite que os professores utilizem os mais novos métodos e abordagens que estão sendo desenvolvidos no campo do ensino de línguas.

Nós seremos os primeiros a concordar que a teoria da aprendizagem de segunda língua pode ter muito a oferecer para professores de latim, especialmente aqueles que ensinam crianças mais novas, e especialmente nos primeiros estágios da aprendizagem de latim. Mas a maioria dessas teorias que conhecemos focam em línguas que ainda estão em um estado fluido de desenvolvimento sintático, com normas que são padrões dos falantes nativos atuais e que mudam um pouco a cada geração, e que não são retiradas de uma série de textos canônicos e perenes. Elas são também destinadas a alunos cujos objetivos (pelo menos a curto prazo) não são ler, nem mesmo apreciar de forma significativa literatura sofisticada e complexa na língua sendo aprendida. O latim é de fato um pouco diferente. Nós como latinistas devemos reconhecer essas diferenças. As normas da expressão “correta” (isto é, canônica) em latim não estão evoluindo como as das línguas vernáculas evoluem, e sim são definidas pelos textos. Ademais, os professores de latim tipicamente focam mais exclusiva e universalmente na leitura e entendimento dos textos literários, e o fazem mais cedo do que seus colegas que ensinam línguas nacionais.²⁷ Um professor de francês ou espanhol, por exemplo, teve algum sucesso se seus alunos podem ir a um país onde a língua é utilizada e se comunicar com os locais – mesmo que ninguém o confunda com um falante nativo. Mas esse nível de proficiência – ou seu equivalente, se pudéssemos encontrar um – é efêmero para o estudante de latim. Não existe um país onde a língua nativa é o latim.²⁸

²⁵ Para atividades envolvendo a escrita em latim que complementam o uso do latim falado e conversacional, ver Milena Minkova, “Quanti sit momenti scribere Latine Latinam linguam discentibus,” *The Journal of Classics Teaching*, 22 (2011), pp. 19-20.

²⁶ Por exemplo, a suposição de que a razão primária para o uso ativo de Latim seria pedagógica foi coberta pelo excelente e inovador artigo de Jeffrey Wills, intitulado “Speaking Latin in Schools and Colleges.” *Classical World*, 92 (1998), pp. 27-34, e a coletânea de artigos publicados em *When Dead Tongues Speak. Teaching Beginning Greek and Latin*, ed. John Gruber-Miller, *American Philological Association Classical Resources Series 6* (OXFORD, 2006).

²⁷ Esse foco em textos canônicos (tanto pagãos quanto cristãos) como a referência para as normas do uso foi sempre uma grande parte da educação em latim – mesmo durante a Idade Média e o Renascimento, quando as pessoas aprendiam latim primordialmente para usá-lo. Os cânones desse uso não eram encontrados nos falantes nativos, mas sim nos textos.

²⁸ E certamente não estamos entre aqueles que em vários momentos desejaram tal situação. Sobre ideias para criar um novo estado falante de latim, veja Jozef IJsewijn e Dirk Sacré, “The Ultimate Efforts to Save Latin as the Means of International Communication,” *History of European Ideas*, 16 (1993), pp. 51–66. De fato, pode-se argumentar que a incrivelmente rica tradição de literatura latina medieval,

O objetivo principal dos professores e estudantes de latim é a língua literária e um melhor conhecimento da nossa herança intelectual.²⁹ Mesmo que alguém prefira encaminhar seus alunos à leitura de textos literários originais gradualmente, podemos argumentar que esses textos e o conhecimento linguístico e cultural conectado com eles devem continuar entre as principais motivações para o estudo do latim. Sem esse objetivo, a justificativa para a continuação do papel do latim no nosso sistema educacional se tornaria muito mais frágil. Nós acreditamos, portanto, que certas abordagens e técnicas, que não são tão proeminentes na pedagogia das línguas modernas, incluindo um foco maior na gramática e uma preocupação com a leitura de textos literários, se desenvolveram no ensino de latim (e grego) por bons motivos.

Isso significa que a dimensão ativa, e especialmente o uso do latim falado ou conversacional é pouco útil e significa que deveria ter um papel pequeno no ensino, estudo ou cultivo de latim? Claramente não é essa a nossa visão. Nós prontamente reconhecemos a potencial utilidade de teorias de aquisição de segunda língua para iniciantes no latim. Mas atualmente nos faltam dados, sustentados por estatísticas, gerados por estudos *direcionados especificamente para o aprendizado de línguas clássicas como latim e grego, sujeitas a circunstâncias especiais pertinentes às línguas descritas acima*. Quando tais dados estiverem disponíveis, professores de latim certamente deveriam usá-los. O que os professores devem fazer enquanto isso? Em nossa visão, adicionar atividades em sala de aula que envolvem de fato o uso da língua, assim como a comunicação na língua, só pode ser benéfico. Ousamos assumir que alguma dimensão ativa desde o início, envolvendo a fala e a escrita, vai normalmente ajudar no aprendizado. Afinal, a leitura em si é comunicação, e parece razoável dizer que adicionar outras faculdades da língua, além da leitura e da memorização, à experiência de aprender latim, teria uma boa chance de acelerar o processo.

Ademais, nós perguntamos, por que o foco na gramática e na leitura de literatura deveria ser incompatível com atividades comunicativas? Nós argumentamos que as muitas abordagens deixadas de lado pela maioria dos professores de línguas clássicas não são necessariamente inconsistentes com abordagens ativas, e não precisam ser abandonadas, simplesmente porque o professor ou aluno deseja adicionar uma dimensão ativa e comunicativa ao seu entendimento de latim. A gramática sozinha *não* é aquisição de língua, mas pode ajudar a prover atalhos para tal. Falar latim – se o objetivo é buscar a correção da estrutura – pode ser útil pelas mesmas razões que tradicionalmente foram usadas para justificar a utilidade da redação em latim. A maioria das pessoas, acreditamos, vai entender melhor a língua, ou pelo menos mais rapidamente, se elas precisarem usá-la, e falar a língua é ainda mais intensivo que escrever nesse aspecto, porque a pessoa tem menos tempo de pensar o que vai dizer. É claro, ter um tempo,

renascentista e pós-renascentista não teria sido desenvolvida como foi, caso o latim tivesse sido adotado como a língua nativa de uma região ou povo. A essência multicultural e interdisciplinar desse latim pós-antiguidade, suas firmes raízes na herança antiga, junto com sua estabilidade linguística, podem ser consideradas como qualidades especiais. Nós mais uma vez referimos nossos leitores ao *Companion to Neo-Latin Studies* (ver nota 4).

²⁹ Nossa insistência nesse objetivo final não deve ser mal interpretada. Enquanto nós enfatizamos a importância dos grandes textos clássicos como a *Eneida*, nós não defendemos de forma alguma uma curta seleção de autores antigos aprovados como os únicos objetos legítimos de estudo para o aluno de latim. A literatura latina, como nós a vemos, potencialmente abrange qualquer período de escrita em latim, e especialmente os períodos em que o latim ainda era o veículo fundamental para contribuições à cultura e ao pensamento europeu. Nós também não negamos a possibilidade de trabalhos novos e originais de valor em latim surgirem! Nada disso, no entanto, contradiz nossa argumentação de que professores e alunos devem reconhecer que a língua latina e sua literatura diferem de formas importantes das línguas vernáculas (nacionais) europeias e suas tradições.

muitas vezes, também é útil – por isso nossa insistência em dizer que tanto a escrita como a fala são atividades saudáveis.³⁰

Em grande parte, nossa experiência tem sido com estudantes que chegaram ou quase chegaram ao nível de conseguir ler textos, ou pelo menos aprenderam o básico. Nossa experiência com esse grupo nos convenceu de que o discurso extemporâneo relacionado com o texto e atividades escritas na língua, junto com a leitura e atenção à gramática e ao uso, realmente ajudam. Aprendemos os importantes itens a seguir durante nossos seminários de imersão no verão e através do trabalho com estudantes em nosso instituto durante o ano letivo.

1. Latim ativo, ao contrário do que parece ser a suposição geral, não é útil somente para iniciantes – é mais útil ainda em níveis mais avançados. É extremamente útil para solidificar e tornar mais instintiva a complexa variedade de elementos do idioma que o estudante neste nível deve dominar. Isso inclui vocabulário. Na verdade, nós não vemos o latim ativo como um método de ensino (ao contrário de Rouse), mas como uma abordagem ao latim em geral que pode ser empregada com qualquer “método”.

2. Manter uma dimensão ativa, ou seja, falar ou escrever textos, ou ambos se possível, deve idealmente ser acompanhada da leitura e cultivo do latim para a vida. Isso tem pouco a ver com pedagogia: é uma questão de formar e manter uma relação próxima com a língua latina. Ajudar os estudantes a manter esse relacionamento é a nossa preocupação no instituto e nos seminários de verão.

3. Nossos seminários de verão visam apresentar a pessoas que já aprenderam o latim de modo convencional, isto é, sem muita – ou qualquer – dimensão ativa, ao latim ativo. Nós podemos aclimatar os estudantes a se expressarem em latim em pouco tempo, de uma forma que jamais faríamos em uma sala com iniciantes em latim.

Existe uma distinção importante a ser feita aqui. Enquanto nós certamente acreditamos que qualquer professor que adquire a habilidade de usar o latim ativamente pode comandar uma maior gama de atividades na sala de aula, e, portanto, se torna um professor melhor, nós não declaramos que o nosso objetivo primário nos nossos *conventicula* é ensinar o que pode ser chamado de “métodos de ensino”. É claro que em nossos seminários nós oferecemos um leque abrangente de atividades, e tais atividades (por vezes com as adaptações apropriadas) podem acabar sendo muito úteis em sala de aula. Contudo, com os participantes dos nossos seminários, que já possuem conhecimento passivo do latim, certos tipos de comunicações, tópicos e atividades são possíveis desde o início; o que não seria adequado para um grupo que acaba de começar a aprender os fundamentos da língua. Nosso principal objetivo nos seminários, portanto, é ajudar os participantes a melhorar o *seu próprio* latim, e especificamente melhorar seu latim *ativo* – uma faculdade que, uma vez desenvolvida, pode ser adaptada para suas próprias necessidades e propósitos como acharem necessário. Portanto nossos seminários se tornaram como uma espécie de *laboratórios* e campos de teste para nos ajudar a determinar quais atividades contribuem mais para ajudar esse tipo específico de grupo a progredir em direção ao nosso objetivo específico. Nossos participantes estão

³⁰ Devemos adicionar de passagem que o uso (falado ou escrito) de uma ocasional palavra nova (ou pelo menos não antiga) para expressar uma entidade ou noção totalmente desconhecida aos romanos não mina essa utilidade, desde que o objetivo seja fazer a estrutura verbal e sintática do discurso de acordo, de forma geral, com as normas do latim clássico. Afinal, até os livros didáticos de prosa latina parecem reconhecer a utilidade de dominar a língua em exercícios que requerem que os estudantes expressem suas realidades – ou pelo menos suas realidades não romanas – em latim clássico.

juntos por um período limitado de tempo, e nós esperamos fazer o melhor uso de *todo* esse tempo para ajudar cada participante a melhorar suas faculdades na expressão do latim ativo. Muitos professores de latim que participam dos seminários se inspiram para usar o latim falado dentro e fora da sala de aula com seus próprios alunos. Ademais, a maioria de nossos participantes nos reportam que após a experiência de imersão ativa eles leem melhor e com compreensão mais rápida de pontos específicos de uso e significado.

Portanto é possível descrever algumas abordagens e atividades que funcionaram bem para nós em nossos *conventicula*. Nós também empregamos diversas dessas atividades durante o ano acadêmico com nossos estudantes de graduação nos cursos e workshops ligados ao nosso instituto.³¹

Absolutamente tudo acontece em latim. Não existe o uso de vernáculo. Participantes assinam, no primeiro dia, um compromisso de não usar outra língua que não seja o latim. Eles são orientados, no entanto, a *nunca* terem medo de errar. É verdade que na imersão total, erros são inevitáveis – até mesmo para os mais experientes – e são uma parte necessária do progresso rumo à expressão mais correta e fluente.

Para quase todas as sessões em que cada dia do evento é dividido, todo o grupo de participantes (que, como dissemos acima, pode conter mais de setenta pessoas) é dividido em grupos menores para maximizar a quantidade de interações de cada indivíduo. A composição desses grupos muda todos os dias, e ocasionalmente várias vezes ao dia. Durante as sessões matutinas, outra divisão acontece. Nessas sessões, os que participam pela primeira vez e as pessoas novas no latim falado (e esse grupo pode incluir pessoas cujo conhecimento passivo, ou de leitura, em latim pode ser bastante sofisticado) são separadas daqueles que já estão acostumados com o latim falado (a maioria dos quais é de veteranos de *conventicula* anteriores). Quando os novatos são separados dos outros, eles são apresentados ao vocabulário útil para conversação, como vocábulos sobre o clima e saudações. Eles também praticam falar em voz alta frases simples e gramaticalmente corretas e aprendem a construir diálogos curtos através dessas frases. Eles escrevem passagens ditadas por outros e respondem a perguntas sobre essas passagens, a fim de se acostumar com ouvir e entender o latim falado.

Nós aprendemos, no entanto, que os iniciantes também se beneficiam da interação com os mais experientes, portanto na segunda parte do dia tipicamente são formados novos grupos em que iniciantes e avançados são misturados. As atividades que acontecem nessas sessões são muito diversas e tão numerosas que não poderíamos descrever todas adequadamente nos limites desse artigo. Ademais, estamos constantemente experimentando e adicionando novidades à nossa gama de atividades – todas com o objetivo de aumentar o engajamento dos participantes em diversos tipos de discurso e interações verbais. Será suficiente aqui, portanto, descrever três tipos básicos de atividade que ganharam um lugar consistente nos *conventicula* na última década, precisamente porque os participantes envolvidos em tais atividades saem delas com vocabulário, fluência, gama de construção e expressão melhores.

Percebemos que poucos exercícios são mais eficientes do que a prática medieval de *enarratio auctorum*. Essa atividade na verdade começa antes do *conventiculum*, quando todos os participantes recebem por email cinco ou seis passagens não adaptadas ou modificadas de autores em latim (que viveram em diversos períodos). Os participantes são instruídos a ler tais passagens cuidadosamente antes do seminário, para que em certas sessões, divididos em grupos, possam interpretar essas passagens

³¹ Ver acima, notas 22 e 23.

com os colegas participantes. Cada pessoa terá sua vez para ler em voz alta um trecho da passagem sob discussão, e então tentar parafraseá-la com suas próprias palavras em latim. A paráfrase deve ser maior e talvez mais explícita do que a passagem original. Elipses e significados implícitos devem ser explicitados quando possível. Dicionários e manuais de conversação estão sempre à mão para serem usados quando necessários.

Outro grupo de exercícios envolve descrever e discutir imagens, que vão desde obras de arte famosas até tirinhas humorísticas. Imagens são utilizadas de diversas formas: os participantes podem simplesmente descrever o que está na imagem, eles podem contar uma história sugerida na imagem, eles podem, como um grupo, compor um diálogo sugerido na imagem, e recitar ou representar um diálogo diante de todos em uma sessão geral.

Um terceiro e importante grupo de atividades envolve peças de teatro. Os participantes, divididos em grupos, compõem e atuam em peças sobre as passagens designadas para leitura antes do seminário. Todos os grupos devem basear suas peças na mesma passagem, para que seu tema possa ser reconhecido por todos os participantes do seminário quando apresentado. Parte da diversão (e aprendizado) é ver como cada grupo cria uma peça a partir da mesma passagem. Apesar dos atores não serem obrigados a memorizar suas falas (ou seja, é permitida a leitura dramática), a experiência nos mostra que performances espirituosas e convincentes são possíveis! Esse exercício combina todas as atividades que nos interessam: primeiro, ler e compreender um texto; segundo, exercitar a fala e a escrita sem preparação enquanto se interpreta o texto e se escreve a peça; finalmente, exercitar a enunciação, fala e compreensão auditiva enquanto a peça está sendo encenada.

Essas atividades parecem ser efetivas em qualquer contexto, mas parecem funcionar melhor quando a pessoa moderando o grupo é altamente fluente na expressão correta pelos padrões clássicos e cujo latim conversacional é embebido em expressões e usos típicos dos grandes autores de prosa. Concluímos dizendo que muito disso ainda é um processo em andamento para nós. Todos os dias nós percebemos que existe algo a mais que podemos aprender sobre o latim. E essa é uma das maiores razões pela qual nós recomendamos a todos os latinistas adicionar pelo menos alguma dimensão ativa para seu entendimento e apropriação da língua latina. Todos podemos ser estudantes juntos.

Data de envio: 17-03-2018

Data de aprovação: 14-05-2018

Data de publicação: 15-08-2018